

Etiquetas: África, África Oriental, Moçambique, espaço cívico, sociedade civil, conflito, mudança climática, desastre, deslocamento, eventos climáticos extremos, extremismo, direitos humanos, gênero, migração, recursos naturais, paz, religião, violência

ENTREVISTA – 2 de abril de 2024

MOZAMBIQUE: “É preciso ir ao encontro das comunidades para que elas se engajem na luta pela paz”

CIVICUS fala com Simão Tila, diretor executivo da Liga de ONGs em Moçambique (JOINT), sobre o aumento da violência no norte de Moçambique, as suas causas e os esforços da sociedade civil para resolver a situação.

Fundada em 2007, a JOINT é uma organização da sociedade civil (OSC) que trabalha para fortalecer o papel da sociedade civil moçambicana e sua participação nos processos de desenvolvimento socioeconômico do país.



Quais são as causas do conflito no norte do país?

É uma pergunta complicada de responder. Porém existem algumas teses que olham para a guerra em Cabo Delgado como originada por ressentimentos acumulados, pela frustração de populações que veem as riquezas naturais e a terra a serem exploradas sem que daí advenham (ainda) benefícios evidentes, por ausência de oportunidades de emprego para os jovens que entram na vida ativa e por uma revolta popular contra desmandos de autoridades. Estas realidades têm sido documentadas com alguma frequência e credibilidade, não é por acaso que, até recentemente, a presença de jornalistas na Província era mal vista por parte das autoridades.

Contudo, esta tese é dificilmente suficiente para explicar a guerra, uma vez que em diversas outras partes do país existem conflitos similares, por vezes com ações violentas, provocados por abusos de poder, ocupação de terras e deslocamento forçado de populações, entre outros. Ou seja, há que não confundir conflitos, mesmo quando violentos, com guerra, sob pena de se tratar da mesma forma governo e terroristas.

Muitas pesquisas estão em andamento, mas ainda não há muitas evidências de quem está por detrás dos ataques. O que sabemos é que é um grupo com filiação religiosa islâmica. E que se autodenomina Al-Shabab e, nos ataques que realiza, sempre exhibe escritos relacionados com a religião islâmica. Até agora, não temos uma fonte precisa para falar sobre a natureza dos ataques, seus responsáveis e quem está por trás deles. Mas a verdade é que o problema do terrorismo no norte de Moçambique começa com a descoberta de recursos naturais, como gás e pedras preciosas, especialmente rubis, entre outros minerais.

Portanto a natureza deste terrorismo tem características ideológicas e civilizacionais até certo ponto pois os métodos terroristas, e as motivações dos seus protagonistas assentam em convicções religiosas sectárias de inspiração selafita o que significa que, em caso de paz, os outros credos religiosos são permitidos, desde que se subordinem, paguem uma taxa e os seus seguidores não tenham, no espaço público, comportamentos considerados não-islâmicos. Contudo, em caso de guerra, é permitida a morte de cativos por decapitação ou não, ou a sua escravização e a utilização das mulheres para fins sexuais, entre outras práticas.

A guerra acontece num ambiente em que existem ressentimentos com a atuação predatória de comerciantes e membros do poder e evoluiu de conflitos pontuais desde 2007 para ações violentas a partir de 2017 e, a partir de finais de 2019, para uma aparentemente contra o estado e a população caracterizado por assassinatos da população e soldados por decapitação, destruição de infraestruturas de estado.

Como a população está sendo afetada e de que assistência ela precisa?

As pessoas mais afetadas são aquelas que vivem em bairros e distritos que são atacados e são forçadas a deslocadas, a se mudar de um lugar para outro. Eles perdem seus pertences, principalmente suas casas, já que a maioria delas é incendiada. Eles fogem às pressas e não conseguem recuperar nada. Além de perderem membros de suas famílias, são às vezes capturados pelos terroristas e assassinados de forma brutal. Os que sobrevivem acabam ficando em centros de acolhimento e depois são reassentados em locais seguros, mas em condições deploráveis.

Essas famílias passam por várias necessidades, desde a mais evidente é a alimentação, necessidade de um local seguro onde possam reconstruir suas casas e recomeçar suas vidas. E isso é sempre difícil, pois muitas dessas famílias deslocadas e reassentadas, antes dos ataques e do abandono das suas zonas, viviam principalmente da agricultura. E nos locais para onde são reassentadas, nem sempre há condições adequadas para continuar com a atividade agrícola. Portanto, é necessário investir em outras atividades que lhes permitam continuar a sua vida e gerar renda. Isso pode incluir a abertura de um negócio, a criação de clubes de poupança, cursos profissionais de curta duração e o fornecimento de ferramentas, distribuição de sementes e materiais para atividades agrícolas.

Como é que a sociedade civil está a trabalhar para responder a esta situação?

A sociedade civil tem se aliado ao grupo que faz parte do Humanitarian Country Team e tem desenvolvido atividades para apoiar as pessoas deslocadas. Nos últimos tempos, tem surgido o conceito e a abordagem da “localização” que envolve o desenvolvimento e o fortalecimento das organizações nacionais em ferramentas e capacidades para que elas liderem os processos em casos de emergência e humanitários. Isso é algo que merece elogios, especialmente para as agências das Nações Unidas e outros parceiros que estão liderando esse processo de localização, para capacitar as organizações locais e fornecer-lhes as ferramentas necessárias para que elas próprias possam intervir. Estamos vivendo em um contexto de redução de fundos, o que torna ainda mais crucial que as organizações locais assumam a liderança.

Além disso, as autoridades moçambicanas recebem apoio internacional para auxiliar as vítimas, assim como para os esforços internos promovidos pelo Instituto de Gestão de Calamidades, e enfrentar os problemas das comunidades decorrentes do terrorismo no norte do país. Também é importante destacar o papel positivo das organizações internacionais, que fornecem uma contribuição significativa na melhoria dos meios de subsistência e no desenvolvimento de outras capacidades para permitir que as comunidades continuem a sua vida normalmente.

Quais são os maiores obstáculos à paz na região?

Temos enfrentado problemas de acesso devido à falta de facilidade de circulação. Sempre que tentamos acessar esses locais, é crucial considerar questões de segurança. Embora tenhamos equipes dedicadas à segurança, nem sempre é seguro trabalhar lá, pois os ataques podem ocorrer a qualquer momento. Além disso, o número de deslocados aumenta a cada ataque, resultando em uma crescente necessidade de apoio. No entanto, muitas vezes não dispomos dos recursos necessários para lidar com a situação.

Além disso, Moçambique está enfrentando eventos climáticos que estão afetando várias regiões do país. Isso resulta em uma dispersão de recursos, com a necessidade de atender tanto às pessoas afetadas pelos desastres naturais quanto às que estão fugindo da guerra e buscando refúgio.

Há ciclones acompanhados de chuvas que acabam resultando em inundações em algumas regiões, especialmente em áreas com alto nível freático e zonas baixas, causando a destruição das culturas e criando bolsas de fome em várias partes do país. Essas situações demandam apoio para lidar com a destruição de casas, evacuação de pessoas de áreas inundadas e consequente provisão de abrigo temporário. Geralmente, os centros de acomodação para essas pessoas são estabelecidos em escolas, o que também obriga interromper o período escolar, pois as comunidades passam a viver nessas instalações. Esses eventos climáticos também causam problemas de erosão de solos.

Portanto, gostaria de apelar à comunidade internacional, especialmente aos parceiros de cooperação, para investirem significativamente na componente localização. Isso implica fortalecer as instituições e OSC em Moçambique, dotando-as de recursos e ferramentas necessárias. É crucial que essas OSC trabalhem em estreita colaboração com as agências internacionais de emergência e ajuda humanitária para compartilhar conhecimentos e experiências no terreno.

Que espaço tem a sociedade civil moçambicana para atuar, que constrangimentos enfrenta e de que apoio internacional necessita?

A sociedade civil moçambicana desempenha um papel crucial. Mesmo diante da guerra, ela tem se dedicado em ações de promoção da paz e em todos os esforços tendentes reconciliar e a contribuir significativamente para acabar com o conflito. No entanto, para continuar esse trabalho, ela precisa de mais apoio e espaços de intervenção bem como a abertura do Estado e reconhecimento do papel que estas desempenham. Há necessidade de reconhecer a sociedade civil para que ela não fique no estado de trabalho passivo perante as autoridades; é preciso ir ao encontro das comunidades, conscientizá-las e provocar mudanças de mentalidade para que elas também se engajem na luta pela paz, especialmente nas áreas afetadas pelo conflito. Isso requer recursos, e reconhecimento dessas iniciativas. Além disso, é essencial fornecer os meios necessários para que a sociedade civil possa realizar seu trabalho de forma eficaz.

Além disso, é importante estabelecer processos de troca de experiências com a sociedade civil de outros países que enfrentam desafios semelhantes para que se possa melhor aprender com as experiências de outros e encontrar soluções mais eficazes e adaptadas à nossa realidade e contexto.

O espaço cívico em Moçambique é considerado “reprimido” pelo [CIVICUS Monitor](#).

Entre em contato com a JOINT através do seu [sítio web](#).